

**BRINCAR DE LER EM OUTRA DIMENSÃO:
LITERATURA INFANTIL NOS ANOS INICIAIS PARA A FORMAÇÃO DE
LEITORES**

**PLAY READING IN ANOTHER DIMENSION:
CHILDREN'S LITERATURE IN EARLY YEARS FOR READERS
DEVELOPMENT**

Iara Rocha de Oliveira Cruz¹
Luana Alves Luterman²

Resumo: Este artigo visa a compreender a importância da literatura infantil para a formação e desenvolvimento intelectual da criança. A literatura infantil com efeitos tridimensionais pode ser entendida como um recurso viável, prazeroso, educativo, facilitador para o ensino e para o aprendizado. O referencial teórico é composto por autores como Antonieta (2006), Chartier (1999), Zilberman (2003) e outros. Ao pesquisar a formação histórica da infância e da literatura infantil, verificamos que a leitura influencia no desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e cultural das crianças. Os resultados apontam que, nos anos iniciais da educação, o aspecto lúdico da literatura infantil, permeado de prazer e entretenimento, proporciona inúmeras aprendizagens e contribui para a formação de futuros leitores.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Livro Tridimensional. Entretenimento. Formação de Leitores.

Abstract: This article aims at understanding the importance of children's literature for children's intellectual shaping and development. Children's literature with three-dimensional effects can be seen as a viable, enjoyable, educational, facilitator resource, for teaching and learning. The theoretical framework consists of authors like Antoinette (2006), Chartier (1999), Zilberman (2003) and others. In researching the historical formation of children and children's literature, we found that reading influences the cognitive, social, emotional and cultural development of children. The results show that in the early years of education, the playful aspect of children's literature permeated of pleasure and entertainment provides numerous learning and contributes to the formation of future readers.

Keywords: Children's Literature. Three-dimensional book. Entertainment. Readers Formation.

¹Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Araguaia.. E-mail: iararocha.ve@hotmail.com

² Pós-doutoranda em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG) – orientadora: Dr^a Eliane Marquez da Fonseca Fernandes. Doutora em Letras e Linguística (Área de Concentração: Estudos Linguísticos) pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora de *Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literaturas para o Ensino Médio* no 4º ano de Letras do Câmpus Inhumas, na Universidade Estadual de Goiás, *Texto, Ensino e Discurso e Tópicos de Língua Portuguesa* em cursos de especialização na Universidade Estadual de Goiás.
E-mail: luanaluterman@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Além do prazer de brincar e ouvir histórias, a leitura literária autônoma e mediada por adultos, iniciada na infância, pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento da criança. A literatura infantil tem a capacidade de trabalhar as emoções e a relação do indivíduo com a sociedade, pois a criança que tem acesso à leitura aprende e desenvolve a imaginação.

Incluir a leitura como participante da vida cotidiana da criança é importante, pois deixa de ser uma obrigação e passa a ser uma atividade como qualquer outra, semelhante a brincar, correr, jogar, cantar e dançar. A leitura é um hábito a ser estimulado pelos adultos que fazem parte do convívio da criança, sejam familiares, educadores e sociedade em geral, para que a curiosidade e a interação dela com o mundo se potencializem e ela saiba diferenciar o imaginário e a realidade, capacitando-a a resolver problemas futuros.

A fase da infância se iniciou a partir do século XVIII, quando a história social da criança apareceu, alcançando avanços e valorizações, sujeita a direitos e autonomia. Ao longo do tempo, tem-se aperfeiçoado em práticas pedagógicas e leis voltadas para elas.

Este artigo partiu do interesse em saber mais sobre a funcionalidade da literatura infantil, especificamente nos anos iniciais, pois é tratada como brincadeira e ao mesmo tempo instrumento de ensino e de aprendizagem. Para isso, buscamos compreender como a história da literatura infantil vem se desenvolvendo juntamente com a da infância, com recursos atraentes como os efeitos tridimensionais, além da funcionalidade como agente promotor no desenvolvimento pessoal, emocional e social da criança.

O artigo está organizado em resumo, introdução, cinco tópicos e considerações finais. O primeiro, intitulado *Direito de ser criança: concepção histórica e regulamentação jurídica*, aborda a revisão da concepção histórica do aparecimento da infância e os efeitos culturais, pois, a partir do século XVIII, a criança é considerada um ser completo e único, com necessidades e cuidados diferenciados dos adultos. O subtópico *O que é ser criança após o século XVIII* retrata a revolução industrial e os avanços da sociedade de consumo: o mercado inicia a produção de brinquedos, roupas e livros voltados para ela. Católicos e protestantes promovem um gesto de leitura

específico às crianças, uma cultura que visa ao cuidado e educação, pois passaram a ser vistas com seres divinos e inocentes.

O segundo tópico, intitulado *Literatura para criança: consolidação da infância por meio da educação*, discorre sobre o desenvolvimento das escolas e de livros literários impressos voltados para a criança, composto de escritas com lições educativas.

O terceiro tópico, *Humanização infantil pela fruição estética literária*, aponta a leitura com o aspecto lúdico, que acontece por brincadeiras. Assim, há a formação de leitores, por meio da interatividade propiciada pela literatura, que tem a capacidade de humanização.

O quarto tópico, *Leitura e mediação: a participação da família e da escola na formação de leitores literários*, trata da formação de conhecimentos por meio da literatura, que pode se tornar uma cultura literária. Por intermédio da leitura direcionada e estimulada ao prazer, entre família e escola, a formação integral da criança acontece.

O quinto tópico, intitulado *O uso da literatura com efeito tridimensional*, ressalta os livros com efeitos tridimensionais como recursos na formação de leitores na infância, porque o entretenimento desperta alguns dos sentidos pela leitura.

1 DIREITO DE SER CRIANÇA: CONCEPÇÃO HISTÓRICA E REGULAMENTAÇÃO JURÍDICA

O cotidiano das crianças era semelhante ao dos adultos. Em todas as ações sociais elas estavam envolvidas: no trabalho, nas conversas. Não se via separação do que era para criança ou para adulto, como também as leituras eram iguais. A partir do século XVIII, tem-se uma nova visão sobre a criança, que passa a ser vista diferentemente do adulto. Irrompe, portanto, na história, uma nova fase de vida: a infância. Zilberman (apud ANTONIETA, 2006, p.23) afirma que:

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para a infância. Essa faixa etária não era percebida como tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os apaixonava.

O olhar para a criança visa agora a um cuidado especial, uma visão determinada para os aspectos que caracterizam a vida pueril. A afetividade passa a fazer parte desta

família, a qual se inicia pelos burgueses. A infância passa a ser a primeira fase, isenta de certas responsabilidades que são consideradas dos adultos. Quanto à valorização da infância, Zilberman (2003, p. 18) preconiza que o suporte para esta representação é a separação por idade. Primeiramente, a criança é particularizada como um tipo de indivíduo que merece considerações especiais. A busca para uma vida mais saudável e o desenvolvimento intelectual da criança foram critérios históricos que marcaram a invenção social da infância, assim como a afetividade dos pais em relação aos filhos. Zilberman (2003, p.19) afirma que isso

[...] possibilita a expansão do desejo de superioridade por parte do adulto, que mantém sobre os pequenos um jugo inquestionável, que cresce à medida que esses são isolados do processo de produção. Enfim, esse afastamento se legitima pela alegação a noções previamente estabelecidas, relativas à fragilidade e dependência da criança, desmentindo-se o fato de que esta foi tornada para ação devido às circunstâncias ideológicas com que a infância é manipulada.

Passando ao adulto à superioridade, a criança tem a inocência e a fragilidade pela sua situação biológica, que está em formação, tendo a família e os pedagogos o papel de prepará-la para a vida. Para Barbosa (2008. p.15-30), as diversas mudanças ocorridas nos últimos 50 anos produziram grandes transformações na forma como as crianças vivem suas infâncias, de modo que eram vistas como pessoas frágeis, dependentes de cuidados específicos, para uma concepção das crianças como personagens principais do seu desenvolvimento, realizados pela relação que se tem entre os pais e a sociedade que as rodeia. Conforme Zilberman (2003, p.15),

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mais igualmente meio de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas a cumprir essa missão.

Novos conhecimentos foram sendo produzidos sobre as crianças. Afinal, certos comportamentos tornaram-se consensuais sobre elas: protótipos de comportamento, identidades regulares, retomadas e reconhecíveis por meio de traços indiciais para demarcar o funcionamento social do estereótipo socialmente aceito como infantil. Sobre a criança, foi esquadrihado seu desenvolvimento, seus diversos ambientes familiares, sociais, suas variadas formas de expressão, um ser completo e único com suas próprias características e em crescimento tanto no plano físico como no psicológico, com

particularidades sociais. A literatura e a escola são fundamentais para desenvolver esta visão sobre a infância.

1.1 O QUE É SER CRIANÇA APÓS O SÉCULO XVIII

A criança é considerada diferente do adulto a partir do século XVIII, por meio de uma iniciativa de religiosos, padecendo de cuidados e de educação especial.

Acredita-se que somente no século XVIII os párocos passaram a ter registros com a exatidão ou a consciência de exatidão que um Estado moderno exige de seus funcionários de registro civil. A importância pessoal da noção de idade deve ter-se afirmado à medida que os reformadores religiosos civis a impuseram nos documentos, começando pelas camadas mais instruídas da sociedade, ou seja, no século XVI, aquelas camadas que passavam pelos colégios (ARIÈS, 1986 p. 30).

Entre os séculos XVI e XVII, a infância era ignorada e desacreditava-se da inocência das crianças, que participavam de todos os comportamentos adultos, inclusive da vida sexual, tratada como uma brincadeira. Foi na França e Inglaterra que surgiram as primeiras evidências de preocupação com as crianças, a começar pelas leituras. Protestantes e católicos buscaram mudanças na educação e cuidado delas. O autor relata que a importância com a infância se deu no início do século XVI.

A visão sobre a criança muda, tornando-a um ser frágil e inocente, semelhante ao ser divino, imaculado, puro, brinquedo dos adultos. Aparece a preocupação com a educação das crianças por parte da família e educadores, aumentando o número de escolas.

Com uma nova perspectiva de vida para as crianças, passa a haver significado a sobrevivência com saúde e educação para chegar à vida adulta. Lima (2010, p.86-105) relata que

É a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

No século XVIII, a revolução industrial permeia a vida social, política, econômica, cultural e familiar. Com a estabilidade do conceito de família, vão se ampliando com particularidades as funções dos indivíduos: o pai é responsável por

sustentar financeiramente a casa, a mãe deve cuidar das atividades domésticas. Os pais preocupam-se em preservar a infância da criança, que tem uma nova condição na sociedade, entusiasmando o mercado a produzir produtos direcionados para elas. Lajolo e Zilberman (2005, p.17) mostram as influências mercadológicas ocorridas perante a infância na cultura:

A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária. Todavia, a função que lhe cabe desempenhar é apenas de natureza simbólica, pois se trata antes de assumir uma imagem perante a sociedade, a de alvo da atenção e interesse dos adultos, que de exercer uma atividade econômica ou comunitariamente produtiva, da qual adviesse alguma importância política e reivindicatória.

O aspecto lúdico, atrelado ao interesse e à identidade infantil, passa então a ser componente da vida das crianças. São criados objetos para brincadeiras e entretenimentos voltados para as necessidades, ordem histórica que propiciou a irrupção dessa cultura sobre a infância e proporcionou condições de emergência de brinquedos e livros personalizados para as crianças. Inclusive as escolas que, até o século XVIII, não eram obrigatórias, aos poucos vão se tornando parte de atividades diárias para todos. Durante muito tempo, no entanto, a educação da criança foi responsabilidade da família e de grupos sociais. A escola foi ganhando espaço sendo vista também como mediadora de conhecimentos para sua constituição: a voz, isto é, o direito de expressão da criança também possui importância.

Na atualidade, temos uma concepção de infância: ocorre a valorização da criança no desenvolvimento intelectual, emocional, físico e social para que durante o processo de formação se obtenha uma vida e um crescimento saudável e desenvolvido.

Cabe ressaltar que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil definem a criança como

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (DCNEIs, 2010, p.12).

A criança não apenas possui autonomia, mas possui também identidade, vontade, conquistas e realizações próprias de seu desenvolvimento, pois também participa da construção e da inovação cultural.

A partir da Constituição Federal (BRASIL, 1988) foi definido aos pais, à sociedade e ao dever público que devem cumprir e respeitar os direitos da criança, encontrados no artigo 227:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

São cuidados significativos para uma vida saudável e digna, respeitando crianças, adolescentes e jovens, mudanças tais que beneficiam e protegem-nas por meio da lei.

2 LITERATURA PARA CRIANÇAS: CONSOLIDAÇÃO DA INFÂNCIA POR MEIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Com a diversidade entre adulto e criança, houve mudanças até mesmo na relação familiar, propondo uma preocupação e cuidado com o futuro. A produção de obras infantis, leituras voltadas para as crianças, tornou-se necessária. A concepção de ensino-aprendizagem transformou o trabalho pedagógico dos educadores. Segundo Antonieta (2006, p.23),

[...] à procura de uma literatura adequada para a infância e juventude, observaram-se duas tendências próximas daquelas que já informavam a leitura dos pequenos: dos clássicos, fizeram-se adaptações; do folclore, houve a apropriação dos contos de fadas --- até então quase nunca voltados especificamente para criança. Perrault e depois os irmãos Grimm, colecionadores dessas histórias folclóricas, estão ligados à gênese da literatura infantil.

Nesta busca por uma literatura infantil, foram feitas adequações nas histórias para alcançar este público. Os irmãos Grimm escreviam narrativas contadas por outros e também as vivenciadas por eles mesmos (autobiográficas). Todas possuíam um

contexto político e cultural, como as fábulas da época, compostas por uma moral da história, um efeito pedagógico visando o ensino por meio da literatura. Com todas as modificações na escrita, os livros vão sendo mais consumidos, não só por adultos, mas também por crianças. Ganham reconhecimento pelo mundo quando passam principalmente a ser impressos. Conforme Chartier (1999, p.96),

A primeira revolução é técnica; ela modifica, em meados do século XV, os modos de reprodução dos textos e de produção do livro. Com caracteres móveis e imprensa, a cópia manuscrita não é o único recurso disponível para assegurar a multiplicação e a circulação de textos.

Houve uma revolução da leitura, já que antes o acesso era mais privado. Os textos e as histórias eram memorizados e passados de geração por geração, geralmente. A partir do aparecimento da imprensa, por meio de Gutemberg, no século XV, formaram-se novos tipos de leitores, mais assíduos e com possibilidade de escolha diversificada dos temas, devido ao acesso facilitado aos livros impressos. De acordo com Chartier (1999, p.100),

Na segunda metade do século XVIII houve uma “revolução da leitura”. Seus suportes foram bem observados na Inglaterra, na Alemanha e na França: assim, houve o crescimento da produção do livro, a multiplicação e a transformação dos jornais, o sucesso dos pequenos formatos, a redução do preço dos livros, graças às cópias, a proliferação das sociedades de leitura.

A cultura da leitura recrudescer no século XVIII, o que faz as pessoas acessar com mais facilidade os materiais impressos para a formação do conhecimento. O livro passa a ser um meio de trabalho para as escolas, auxiliando no ensino e aprendizagem das crianças, que consomem os livros, especialmente os infantis, específicos de sua faixa etária. A indústria cultural impressa também é impulsionada com a revolução industrial, também no século XVIII, que garante a circulação dos bens manufaturados num sistema capitalista que se retroalimenta pelo estímulo ao consumo. A literatura infantil vai passando a ser conhecida em todo o mundo. Nesta busca de uma leitura voltada para a infância, são destaques os seguintes autores: Perrault, Os Irmãos Grimm, Andersen, Carlos Colondi, Amicis, Lewis Carroll, J. Barrier, Mark Twain, Charles Dickens, Ferenc.

No Brasil, a princípio, aparecem obras pedagógicas. Mas é com Monteiro Lobato que a literatura infantil brasileira ganha vida, de acordo com Antonieta (2006 p.

24): “Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional”. Antonieta (2006, p. 24) demonstra que Lobato escreve usando a imaginação, transmite conhecimento pela literatura, com folclore, cultura, relata e busca mostrar os problemas do mundo de uma maneira criativa e lúdica. Trabalha verdades em busca de mudanças por meio das crianças, já que elas são o futuro.

De acordo com Zilberman (2003, p. 15), “Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso não se escrevia para elas, porque não existia a ‘infância’”. Decorrente desta leitura voltada para a infância, os escritores direcionaram a literatura como um canal de ensino. No princípio, os textos eram escritos por professores e pedagogos, caracterizados pela sua didática, sendo assim bastante usados nas escolas, com intuito de educar as crianças. Coelho (apud GREGÓRIO FILHO, 2009, p.22) defende que

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/ impossível realidade.

A literatura infantil tem sua funcionalidade tanto na vida diária, ao torná-la menos burocrática, por meio do deleite, da fruição estética permitida pela arte, como na imaginação, que produz aos leitores a criatividade, o imaginário e as responsabilidades, propondo a diferença entre o sonho e a realidade.

3 A HUMANIZAÇÃO INFANTIL PELA FRUIÇÃO ESTÉTICA LITERÁRIA

Toda criança tem direito e gosta de brincar. A mesma alegria e liberdade que ela sente ao brincar são possíveis ao fazer a leitura de um livro, podendo explorar conhecimentos e se satisfazer ao aprender. O entretenimento é bastante mobilizado na literatura infantil exatamente porque se relaciona à projeção de interesse identitário das crianças. Quando se faz o que gosta, o resultado pode ser uma aprendizagem prazerosa e compensatória.

Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício do afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p.6).

Candido (1995) afirma que o homem não pode viver sem a literatura estando incluído nela todo tipo de texto, qualquer espécie de fabulação. Sejam alfabetos ou eruditos, é impossível se distanciar do universo da ficção, uma necessidade que precisa ser saciada. O autor compara a literatura a um sonho, pois, ao dormir, a ficção acontece mesmo sem querer. Assim, o equilíbrio social existiria por meio da literatura, já que o sonho traz equilíbrio psíquico e, para ele, a literatura é um fator indispensável para a humanização, para a fruição estética, formação garantida pela arte, que acessa outros conhecimentos pelas possibilidades culturais.

Os professores não podem ignorar os conhecimentos já existentes na criança, mas, em consonância com o conhecimento informal, é preciso ofertar possibilidades múltiplas para o ensino e aprendizagem, apresentando diversas formas de leituras, como as audiovisuais e tridimensionais.

Uma leitura com ação, movimentos, sons e materiais palpáveis representa para a educação infantil o dia a dia em que vivem as crianças, o que torna a literatura infantil atraente para elas, pois se constitui uma extensão de seu cotidiano. A interatividade é apresentada de forma que as crianças possam se encantar, desejar ler e entender histórias.

Brougère (1998) aborda a importância da brincadeira, do entretenimento que proporciona aprendizagem, exemplificando a relação do bebê e sua mãe. O aspecto lúdico desenvolve na criança a imaginação e a criatividade. A cultura é produzida pelos indivíduos que nela estão incluindo a cultura lúdica, formada no duplo sentido, interior e exterior ao indivíduo. A própria criança adquire, constrói, brincando. A partir das brincadeiras ainda bebê, jogando, brincando, ela forma sua imaginação. Para desenvolver qualquer cultura, é preciso ter interação social, construída pelos objetos materiais, pelos indivíduos e suas ações.

Da mesma forma que o domínio da escrita circunscreve o homem num determinado meio sociocultural, sendo valorizado como distintivo de sua cultura, o falar bem, o saber discorrer sobre um tema qualquer, com

propriedade e clareza, também é sinal do seu nível de pensamento e do grau de cultura (MARIA, 2002, p. 35-36).

Falar, participar de um diálogo em que se tem autonomia, permite o exercício pleno da cidadania, o fim da alienação cultural, ao propiciar um arcabouço complexo de possibilidades de escolhas dos posicionamentos devido ao conhecimento do que se diz. O manejo linguístico ocorre de modo apropriado se são ofertados os mecanismos desse uso, sempre pela problematização das alianças e das polêmicas culturais, premissas básicas em quaisquer comunidades culturais em análise. Toda leitura é uma perspectiva.

Com as crianças, não há diferenças. Quando são propostos sentimentos, a empatia é estimulada por meio de temas, de linguagem verbal adequada à identidade infantil e de recursos audiovisuais. Dessa forma, dificilmente ocorre uma relutância ou uma resistência ao ato de leitura. A leitura infantil pode ser adaptada pelas operacionalizações gestuais, pelos sons e imitações, fazendo com que a atração pela interação aconteça, pois essa memória pessoal é clivada pela satisfação, pela conexão lúdica: sempre que a música já conhecida durante a infância, por exemplo, for executada, os leitores vão se lembrar daquela história ou texto lido (pela literatura infantil impressa ou digital) ou ouvido (pela literatura oral, pela contação ou leitura oral de histórias), pois marcaram pela expressão e forma como foi contada.

4 LEITURA E MEDIAÇÃO: A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS

No processo de formação de conhecimento, a imaginação proporciona uma forma de aprender. Com as histórias, é possível contribuir para um desenvolvimento cognitivo saudável, com uma boa oralidade e criatividade. Para Huizinga (1988, p.7),

Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa capacidade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora são jogos de palavras. Assim ao dar expressão à vida o homem cria outro mundo poético, ao lado da natureza.

No universo da leitura e da escrita, a criança vive inúmeras experiências. O aspecto lúdico é fundamental nesta apresentação da cultura da linguagem verbal, sempre aliada à linguagem não-verbal, já que pela literatura infantil se tem o acesso a

brincadeiras, leituras, culturas e relacionamento afetivo. É requerido, portanto, ao profissional da educação e ao adulto, despertar o interesse pela leitura na criança, por meio dos recursos lúdicos e de entretenimento relacionados às brincadeiras, identidade cultural que especifica a formação da cultura infantil a partir do século XVIII, pois o ser humano tem a capacidade de imaginar e criar situações adversas, e no universo da literatura infantil esta capacidade constrói saberes. Zilberman (2003, p. 29) atesta que o livro pode trazer para a criança condições de compreensão de seu mundo interior, para o real, formando autonomia crítica da vida exterior a ela mesma.

A literatura infantil, nesta medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda cultura – a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antônio Cândido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além – propicia os elementos implícitos do próprio saber.

A literatura infantil tem um papel básico em atrair a criança à leitura usando a imaginação e a fantasia, mostrando que por ela é possível ir além do que está à sua volta, conduzindo a criatividade da criança, podendo ser feita a leitura tanto na escola como no ambiente familiar, realizando sua função formadora. Mediante a importância da leitura, Alves (2004, p.7) indica que:

Deve haver algo errado na afirmação que sempre se repete de que os adolescentes não gostam da leitura. Sei que, como regra, eles não gostam de ler. O que não é a mesma coisa que não gostar da leitura. Lembro-me da escola primária que frequentei. Havia uma aula de leitura. Era a aula que mais amávamos. A professora lia para que nós ouvíssemos. Leu todo o Monteiro Lobato. E leu aqueles livros que se liam naqueles tempos: “Heide”, “Poliana”, “A Ilha do Tesouro”.

A apresentação da leitura tem de ser direcionada ao prazer e não à obrigação para cumprir a condição sócio histórica de estímulo à formação de leitores na educação infantil: é preciso haver uma atmosfera propícia de prazer, um ambiente e uma mediação institucional (seja da família ou da escola) para que seja despertada a curiosidade. Afinal, a leitura tem a função de formar indivíduos críticos e conscientes da realidade, sabendo distinguir o real do imaginário, podendo futuramente opinar e se posicionar em relação às polêmicas sociais. Compreendemos, portanto, que a literatura infantil é mágica e fantasiosa, campo fértil para o desenvolvimento humano e para o exercício da cidadania. A literatura infantil pode proporcionar diversão e imaginação.

Quando é utilizada de modo bem planejado, desenvolve o raciocínio. Ela educa e ensina, podendo aumentar o interesse pela aula ou pela leitura, favorece a compreensão de situações boas ou ruins, sem deixar de mencionar a relação de afeto que se tem uns com os outros.

Alves (2004, p.7) afirma que o lugar da literatura é no coração: “A literatura é feita com as palavras que desejam morar no corpo. Somente assim ela provoca as transformações alquímicas que deseja realizar”. O aspecto emocional faz parte da aprendizagem, pois com ele são marcados acontecimentos que jamais serão esquecidos.

A leitura oral envolve a criança quando narrada com emoção. Com os livros audiovisuais, ela pode visualizar, fazer comparações memorizando os sons. São diversos os tipos de livros como os tridimensionais que possuem o aspecto lúdico como meio de atrair a atenção da criança: são livros que saltam do papel mostrando dimensões realistas de lugares, animais e personagens pela elevação física. Fazer leitura com literatura infantil é uma aventura com os livros pop-up, que são recursos envolventes, para brincar e se ter gosto como se a história fosse real, ainda que haja diferença por ser ficcional.

A participação da família é essencial para desempenhar o hábito da leitura. Antes mesmo da alfabetização, a criança deve ser estimulada ao prazer de ler. Inicialmente, ela pode querer brincar com o livro, mas é pela insistência e pela valorização da leitura do adulto que aparece o interesse em ouvir e ler.

O professor tem de ir além da alfabetização, propondo ao aluno a compreensão do texto ao aguçar suas percepções ao ler ou ao ouvir uma leitura. Segundo Zilberman (2003, p.29), assim, mediante esta importância,

A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura – a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antônio Cândido, o que representa um acesso à circunstância individual por meio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além – propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.

Lado a lado, a leitura proporciona uma experiência única. A criança precisa viver estes momentos para que não só leia códigos, mas que entenda, sinta e reflita. A função de ler está presente nos adultos que convivem e que estão ao redor das crianças, como a família e a escola e a estes adultos cabe apresentar a literatura infantil com

ênfase e emoção, demonstrando prazer de ler, por uma ação positiva, promovendo a repetição pelas crianças, que também vão gostar dessa atitude de ler.

Freire (apud MARTINS, 2005, p. 10) nos ensina que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Para que se faça uma leitura, o conhecimento já adquirido é importante para a compreensão. Dessa forma, a escola tem de considerar os saberes, ou seja, a bagagem cultural, de conhecimento, que o aluno já possui, pois não é uma tábula rasa ao ingressar na instituição escolar. Além de ensinar, é preciso apenas que o professor, enquanto formador de leitores, não impeça que aprenda e não deixe que se perca, no cotidiano escolar, a curiosidade natural da criança (MARIA, 2002, p.32). Muitas vezes, é preciso deixar a criança descobrir os efeitos de sentido possíveis pela materialidade textual a partir de seus próprios conhecimentos prévios, já adquiridos, ao ouvir uma história. A autonomia é legitimada pela valorização subjetiva das crianças, que possuem voz, capacidade e direito opinativo, poder de interpretar, por meio da mediação dos familiares responsáveis por elas ou dos docentes envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem.

5 O USO DA LITERATURA COM EFEITO TRIDIMENSIONAL

Brincar faz parte da infância, a imaginação e a criatividade estão presentes nesta fase. O aspecto lúdico faz parte do crescimento e com a literatura não poderia ser diferente, mediante as mudanças e diversas formas de leituras que vêm evoluindo cada dia mais.

Para uma geração que nasce envolta às tecnologias e mídias e que tem acesso a elas cada vez mais cedo, os livros estão se desenvolvendo de acordo com as necessidades desses atuais leitores. Como se refere Chartier (1999, p. 95), “O livro não exerce mais o poder que teve: ele não é mais o mestre de nossos raciocínios ou de nossos sentimentos em face dos novos meios de informação e de comunicação dos quais a partir de agora dispomos”. Tem-se novas formas de acesso à informação e os livros vão se aprimorando, fazendo com que a leitura se afaste do viés tradicional, apresentando-se com variadas dimensões, exatamente para a sua importância não ser apagada pela história das novas tecnologias. Segundo Chartier (1999, p.96),

A primeira revolução é técnica; ela modifica, em meados do século XV, os modos de reprodução dos textos e de produção do livro. Com os caracteres móveis e a imprensa, a cópia manuscrita não é o único recurso disponível para assegurar a multiplicação e a circulação de textos.

Os livros passam a ser apresentados de novas formas. Chartier (1999, p. 97-98) retrata que “a importância da revolução muda não somente a produção do texto, mas também aos leitores”. A inovação dos livros impressos, por meio de propostas de leituras como livros pop-up, pelo sentir, ouvir tridimensionais leituras feitas pelas imagens que saltam do espaço tridimensional, é capaz de despertar a imaginação pelos movimentos e ilustrações. A leitura está em toda parte, como afirma Martins (2005, p.7):

Bastará, porém, decifrar palavras para acontecer a leitura? Como explicaríamos as expressões de uso corrente ‘fazer a leitura’ de um gesto, de uma situação; ‘ler a mão’, ‘ler o olhar de alguém’; ‘ler o tempo’, ‘ler o espaço’, indicando que o ato de ler vai além da escrita?

A leitura com a brincadeira faz com que a autonomia da criança seja despertada, fazendo-a agir de maneira a caracterizar e sonorizar as histórias com vozes, gestos, toque e relação com a realidade por meio dos recursos tridimensionais, proporcionando movimentos em diferentes perspectivas. Uma brincadeira com literatura, ou uma literatura com brincadeira, ambas se unem com a finalidade de formar leitores: Martins (2005, p. 36-37) preconiza que “A leitura produz sensações, emoções e pensamentos”; pela leitura é possível ter sensações, pois ela traz sensibilidade e comoção usando os órgãos dos sentidos como o tato, audição e visão. Emoções porque podemos sentir alegria, curiosidade, carinho, raiva, os sentimentos são despertados. E pensamentos, pois com a leitura são aprimorados e adquiridos novos conhecimentos mudando a forma de pensar conduzindo o leitor para a aprendizagem.

Perceberá a configuração de três níveis básicos de leitura, as quais são possíveis de visualizar como níveis *sensorial*, *emocional* e *racional*. Cada um desses três níveis corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido. Como a leitura é dinâmica e circunstanciada, esses três níveis são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um ou outro privilegiado, segundo a experiência, expectativas, necessidades e interesses do leitor e das condições do contexto geral em que se insere (MARTINS 2005, p. 36-37).

A literatura para crianças, que mobiliza o aspecto lúdico, essencial no desenvolvimento da infância, fase consideravelmente recente na história da humanidade (criada a partir do século XVIII), faz com que elas se emocionem com o toque e que participem da história ficcional com efeito de realidade, o que torna a imaginação ainda mais fértil. Martins menciona os níveis sensorial, emocional e racional como integrantes do envolvimento com o livro, mostrando que estes níveis estão relacionados com a leitura trazendo sentido e significados para o leitor.

A literatura para crianças, que mobiliza o aspecto lúdico, essencial no desenvolvimento da infância, fase consideravelmente recente na história da humanidade (criada a partir do século XVIII), faz com que elas se emocionem com o toque e que participem da história ficcional com efeito de realidade, o que torna a imaginação ainda mais fértil. “Assim como há tantas leituras quantos são os leitores, há também uma nova leitura a cada aproximação do leitor com um mesmo texto, ainda quando mínimas as suas variações”, Martins (2005, p. 79). Na literatura, a cada leitura um novo olhar é possível. A ler, a criança pode dar vida e significados aos personagens pelo imaginário.

Há várias possibilidades de leituras que podem levar a criança à leitura com prazer a uma brincadeira capaz de ensinar. Os livros tridimensionais podem desenvolver e conduzir à diversão pela leitura, como no livro *A Verdadeira História de Cachinhos Dourados*, de Baruzzi e Natalini (2014), que conta a história de uma menina e três ursos. Na narrativa, os pais pedem para que a menina chamada Cachinhos Dourados os ajude com o bebê urso que está dando muito trabalho. Os pais do ursinho enviam uma carta para a menina pedindo que venha ajudar o filho a ser mais bonzinho (no livro é possível abrir o envelope e pegar a carta). Cachinhos dourado chega na casa dos ursinhos, mas o pequeno urso não gosta dela, ela procura melhorar o comportamento dele dando bons exemplos (a casa se abre). Agrada a mamãe urso ao pentear os seus cabelos (tem a espessura do cabelo da mamãe urso). Mas o ursinho continua muito levado, ao saírem para brincar ele acaba empurrando Cachinhos Dourados na lama (a figura se movimenta caindo na lama) e ela fica muito irritada os dois começam a correr uma atrás do outro (girando e girando). Quando o bebê urso começa a pensar sobre como seria se ele fosse o filho número um, e faz uma lista de boas ações (a lista pode ser puxada) passando a fazer as coisas certas, ele adorava fazer os deveres da escola. Cachinhos Dourados concluiu seu dever agora pode ir embora, mas ao esperar o ônibus percebeu que deveria experimentar algo novo, foi aí que ela fez a sua primeira arte

enviou um convite para os três porquinhos. Nele, dizia que eles estavam sendo convidados para um piquenique na floresta com o nome de outro, quando eles saíram da casa ela entrou e então você já conhece a história oficial. A cada página do livro, há uma surpresa com movimentos de objetos e de animais. A casa que se abre conforme a (figura 1). As figuras se movimentam (figura 2). A casa pop-up tridimensional (figura 3). E com o toque, sentimos a espessura dos cabelos (figura 4). Pela brincadeira, é possível fazer a leitura com figuras tridimensionais que saltam das páginas.

Livro Tridimensional *A Verdadeira História de Cachinhos Dourados*

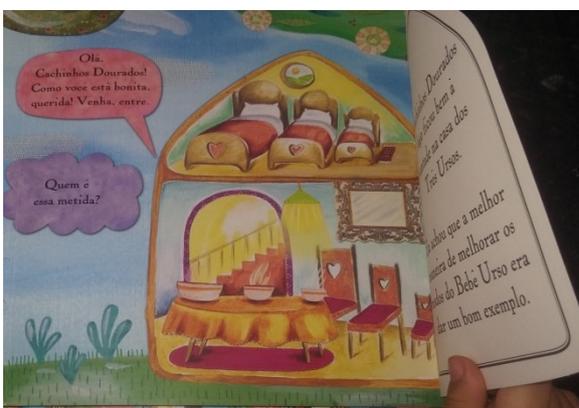


Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

Fonte: Baruzzi e Natalini (2014)

É uma leitura clássica e divertida, com movimentos que aguçam alguns sentidos como visuais, táteis e auditivos, ao imitar sons. A brincadeira é proporcionada pela literatura, movimentando e envolvendo a criança, independentemente do fato de se conseguir ler verbalmente ou não.

A proposta é levar a leitura aos primeiros anos de vida, algo tão importante quanto o brincar. Gregorin Filho (2009, p. 53-55) defende que “Nem só de palavras se constrói um livro para crianças; a ilustração é uma das linguagens não verbais mais recorrentes na obra literária infantil, além de outras como a tátil”. A leitura infantil está além da escrita, pois envolve ilustrações, imagens e toque.

Gregorin Filho (2009, p. 55) cita ainda a perspectiva lúdica: “função em que a própria ilustração pode se transformar num jogo para o leitor/ receptor do texto; um bom exemplo são os livros cujas ilustrações podem servir de tabuleiros para brincar”. Mais uma vez, percebemos a cultura da infância criada a partir do aspecto lúdico, da interação para aquisição do conhecimento, da leitura por meio da brincadeira.

A literatura infantil tridimensional é para a criança uma experiência necessária quando por ela são capazes de aprender soluções de futuros problemas com a própria vida. Por meio de uma brincadeira, ou seja, uma leitura, Meireles (1984, p.32) demonstra que “A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição.” Podemos então afirmar que a leitura desenvolve o intelecto, juntamente com o aspecto emocional, social, imaginário e ético do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, citamos de maneira geral conceitos teóricos sobre a literatura infantil nos anos iniciais para a formação de leitores. Relatamos causas e efeitos de suas realizações e finalidades. Focalizamos a relação da criança com a leitura de literatura infantil e a importância da aprendizagem por meio do aspecto lúdico, pois o conhecimento ocorre por meio de uma brincadeira, podendo ser divertida e prazerosa a literatura infantil com efeitos tridimensionais.

Com o surgimento da infância que é a partir do século XVIII, a criança conquista novos espaços inclusive no comércio passando a ser consumidora, e para este consumo vão sendo desenvolvidos e criados livros como outros brinquedos para atingir este público. E a literatura infantil vai ganhando o seu lugar no mercado passando por inovações na procura de consumidores, em uma sociedade pela qual é consumidora em ambas as idades.

A literatura infantil é uma excelente motivação e influencia a formação e desenvolvimento saudável na infância. Pelas hipóteses de pesquisas, almejamos quais as

possibilidades formativas que podem ajudar na formação de leitores. Essas questões nos levaram a pesquisar e investigar se as leituras a partir dos anos iniciais concedem alguma mudança nos hábitos futuros das crianças.

Os resultados alcançados por esta pesquisa comprovam que contar história de maneira lúdica para as crianças envolve-as com a leitura como uma forma de brincar. Assim, podemos formar leitores pelo princípio da compreensão de que as crianças poderão experimentar o conhecimento do mundo por meio da literatura.

Há inúmeras possibilidades de aprendizagens que podem acontecer pelas leituras literárias infantis com base em planejamentos diários, benéficos tanto para os professores responsáveis pela educação nos anos iniciais quanto para a sociedade, que se torna mais sensível quanto à estética, de modo mais humanizado, pois, dessa maneira, ocorre a humanização na infância, além da formação intelectual da criança.

Pela leitura do livro *A Verdadeira História de Cachinhos Dourados*, podemos observar as diversas possibilidades de ensino e aprendizagem. Pela brincadeira, a criança pode ver a importância dos convites ao entrar em determinados lugares, estimular a imaginação.

Todos os resultados apresentados referentes à pesquisa geraram reflexões sobre os ganhos obtidos com o uso da literatura infantil a partir dos primeiros anos de vida. Essa responsabilidade é das instituições sociais, como a família e a escola (os professores), para a adequada inserção social, apropriação necessária pela capacidade de discernimento crítico. Apresentar a leitura como algo prazeroso, lúdico e divertido, de uma maneira simples, pode ser uma ação significativa para formação de leitores.

Como pedagogos, temos de analisar as metodologias de trabalho e as evoluções que vêm ocorrendo a cada dia para as crianças. É preciso reconhecer que os alunos não são tábulas rasas ao ingressar o ambiente escolar é essencial. No processo de ensino e de aprendizagem, é preciso antes mesmo da leitura verbal ter contato com os livros, especialmente os que possuem recursos sensório-motores – com imagens, estímulos ao movimento, ao tato, ao olfato.

As constatações obtidas neste artigo podem servir tanto para professores e escola como para as famílias, para fundamentar e apoiar ações e visões em busca da formação integral da criança, alertando para a necessidade e preocupação com o que nossas crianças têm considerado como divertido, bem como os valores e ocupações da literatura infantil em seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Sob o feitiço dos livros**. Folha de São Paulo 2004: Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2004/01/27/1291>>. Acesso em 28 abr. 2016, p.7.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Infância e da Família**. 1986. Disponível em:<<http://disciplinasdehistoria.blogspot.com.br/2010/10/resenha-do-livro-dephilippe-aries.html>>. Acesso em 24 mai. 2016. p. 30.

ANTONIETA, Maria Antunes Cunha. **Literatura Infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2006, p. 23-24.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008. Disponível em:<<http://mairasaporetti.blogspot.com.br/2012/10/livro-projetos-pedagogicos-na-educacao.html>>. Acesso em: 24 mai. 2016.p. 15 - 30.

BARUZZI, Agnese; NATALINI, Sandro. **A Verdadeira História de Cachinhos Dourados**. São Paulo: Brinque-Boook, 2014.

BRASIL. **Constituição Federal 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 24 mai. 2016. Artigo 227.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 10 abr. 2016. p.12.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. **Rev. Fac. Educ.**, v. 24, n. 2, São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200007>. Acesso em: 25 mai. 2016.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. Vários escritos. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Disponível em: http://www.escolamobile.com.br/emedio/vereda/arquivos/portugues/3cport_etc_01.pdf. Acesso em: 24 mai. 2016. p.3-4,6.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. p.95-98, 100.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009. p. 22, 53 e 55.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1988. p.7.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. São Paulo: Ática, 2005.p.17.

LIMA, Viviane Martins. A literatura para crianças. **Revista Científica: Intr@ciência**, 2010.p. 86-105. Disponível em: <<http://www.faculadadedoguaruja.edu.br/revista/edicoesAnteriores/edicao22010.asp>>. Acesso em: 28 abr. 2016. p. 86-105.

MARIA, Luzia de. **Leitura e colheita / leitura e formação de leitores**: Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2002. p. 32,35-36.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**; São Paulo: Editora Brasiliense, 2005 p. 7,10,36,37 e 79.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil – 3ª Ed.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.p. 32.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003. p.15,17-19 e 29.